

1. Introdução

Verão de 1997. Curitiba, Paraná. Ao participar de uma *oficina* sobre o Livro do Apocalipse num congresso de jovens cristãos, tive meu primeiro encontro significativo com a escatologia. O preletor, professor de um Seminário Teológico, com carisma e erudição mostrava de forma impressionante como aquele livro um tanto enigmático, tenebroso, permeado de linguagem simbólica, podia ser melhor compreendido. Elucidando o sentido e o referencial das imagens contidas, mostrava como uma havia uma lógica plausível, e mais especialmente, como os conteúdos que se descortinavam por trás dos ícones misteriosos eram, quase todos, de um consolo e de uma esperança inigualáveis. O futuro prometido por Deus era seguro, garantido e incrível. *Ainda não* estava ao nosso alcance, é verdade, mas podia ser esperado, com serenidade, perseverança e expectativa. Ah... A *parusia*... A plenitude e a certeza do *ainda não*. Foi amor à primeira vista. Ao término da palestra, terminamos todos naquela sala de aula suspirando... *Maranata!*

Verão de 2016. Gávea, Rio de Janeiro. Quase vinte anos depois daquele primeiro encontro com a escatologia, *outro* marcaria decisivamente minha relação com a matéria. Durante a graduação, e posteriormente em algum livro ou simpósio, já havia acrescentado algumas novas informações àquelas originais acolhidas no congresso, mas nada que se comparara ao estava ouvindo naquelas primeiras aulas da pós-graduação, com aplicação semelhante do educador. Era outro ambiente. Outro nível acadêmico. Outro professor. E outro enfoque. A *parusia* não era tudo o que a doutrina das *últimas coisas* tinha a dizer. Havia outro lado, outro ângulo de se olhar e viver a esperança cristã. O Reino de Deus que, num primeiro momento parecia estar relacionado apenas com eventos vindouros, podia ser experimentado, em sinais, *já* no presente. Tudo porque em Cristo, o futuro *já* havia começado, o Reino *já* havia sido inaugurado, e nós éramos parte dele. Para fazer justiça à história, a verdade é que essa perspectiva da realidade

atual do Reino de Deus já havia sido articulada pelo primeiro professor. Mas de alguma forma, o *ainda não* havia sobressaído na compreensão. Agora era o *já* que reivindicava sua vez. E além do choque memorável, o novo enfoque também fez suscitar uma ideia na hora certa. Eu que havia ingresso no mestrado sem projeto de pesquisa definido, não precisaria mais pensar a respeito. Havia encontrado o tema. Exploraria a tal tensão *já e ainda não* do Reino de Deus. Tentaria encontrar suas raízes, seus desdobramentos, suas alternativas. De certa forma, essa questão fica nítida no próximo capítulo.

Mas nem só de motivações de cunho mais intimista foi construída essa pesquisa. Também o ministério pastoral, ao qual tenho estado dedicado desde 2004, estimulou-me a seguir por esse viés. A carência de uma teologia escatológica mais equilibrada na paróquia, que os hinários, as liturgias, as homilias e os planejamentos por aí atestam, bem como a desesperança ou a falta de propósito na práxis da esperança em parte de boa parte dos irmãos e irmãs na fé, também mexeu com a gente. O esgotamento de se observar alienação e obsessão com o céu, por um lado, e ativismo e promessas *fakes*, por outro, estava incomodando e nos orientando a lidar com o assunto.

Ainda dentro dessa linha pastoral, outra preocupação que os temas de escatologia despertam é quanto ao testemunho ao mundo. Num contexto cada vez mais líquido, cansado, onde nada mais parece encantar, sensibilizar, confrontar, como falar de fazer parte, de esperar, construir e se engajar num movimento contrário aos valores dominantes para construir uma realidade nova? Como falar de trabalhar em prol do Reino de Deus? Numa sociedade cada vez mais cética, cínica, desconfiada e hostil a Deus, como falar de perdão, cura, renovação, de ressurreição, de vida eterna? Como falar sobre um Deus real que está a caminho, para consertar o mundo e pôr todos os pingos nos i's? Como comunicar o Evangelho para pessoas que quando escutam a velha interrogação evangelística “Você está pronto para a volta de Jesus?”, respondem “Não, tô de boa”. E não só falar *para* esse ser humano, mas falar *com*. Esperar junto dos que esperam sozinhos ou nem mais motivos possuem para esperar. Responder às perguntas que eles fazem. Essas questões atormentam, se não todos os missionários e líderes cristãos, pelo menos àqueles que estão em ambientes mais carentes, social ou espiritualmente. Do envolvimento que temos com a Igreja, do amor que sentimos por ela e pelos que estão à margem do amor de Deus em Cristo, também nasceu

nosso ímpeto desta pesquisa. Nosso capítulo conclusivo e o enfoque principal que decidimos dar ao trabalho estão em sintonia com essa motivação particular. A escatologia, por si só, é apaixonante. Mas quando a juntamos à missiologia, então temos um cenário comovente, e fértil.

Um último comentário nesta introdução é o componente acadêmico. Dentre as várias abordagens que poderíamos ter utilizado para a relação escatologia-missiologia, ou para o paradoxo temporal-escatológico entre o passado-presente-futuro de Deus, escolhemos uma, bem específica: A tensão *já e ainda não* no teólogo Oscar Cullmann. Ela se deu por duas razões: Em primeiro lugar, uma tentativa de descobri-lo, (re)apresentá-lo e aprofundá-lo na reflexão contemporânea, especialmente no Brasil, onde não muito se conhece do professor teuto-francês. Quando começamos a pesquisa tínhamos uma suspeita de sua relevância para a questão escatológica-missiológica, e para a teologia em geral. Depois de investigá-lo com um pouco mais de atenção, o que era uma suspeita se tornou certeza. Esperamos mostrar o valor de sua teologia, especialmente de seu *insight já e ainda não* ao longo do trabalho. Esse argumento se evidencia, muito especialmente, nos capítulos três e quatro. E a segunda razão pela qual escolhemos particularmente Cullmann, para alavancar a tensão *já e ainda não*, é valer-nos deste *momentum* sagrado que estamos desfrutando de aproximação dialogal-ecumênica, particularmente na relação católico-luterana, e continuar construindo no legado que Cullmann nos deixou. Não pretendemos honrá-lo neste escrito com uma investigação mais pormenorizada de suas ações ecumênicas, o que certamente poderia ser, sim, adequado. Ainda que deixamos transparecer, de forma objetiva, um pouco de sua história neste labor, no capítulo três, nossa forma de homenagem, por assim dizer, foi diferente. O tributo escolhido foi tentar deixar Cullmann nos inspirar no *espírito* dialético de aproximação que o caracterizava, e estimular a que sua teologia siga conversando com outros teólogos de tradições diversas e fecundando. Fizemos isso no capítulo quatro.

Nossa metodologia foi a da pesquisa bibliográfica. Buscamos colher material e embasar nossos conteúdos informativos e propositivos em subsídios de base teórica múltipla. No que tange ao estudo de Cullmann e sua tensão *já e ainda não* se destacam as obras *Cristo e o Tempo*, *Cristologia do Novo Testamento* e *Salvation in History*.